

O trânsito é um dos sintomas mais nítidos das mudanças sociais ocorridas nas comunidades urbanas;

O TRÂNSITO E AS SEQUELAS INVISÍVEIS

NA OPRESSÃO DAS CIDADES NA ATUALIDADE, OS ACIDENTES REPERCUTEM NO PSIQUISMO DAS PESSOAS

Na história da humanidade, a passagem do homem nômade ao homem gregário demorou muitos séculos. Da cidade medieval, toda cercada, para a hoje cidade aberta outras centenas de anos foram necessários: muitas catástrofes foram vividas, pestes foram enfrentadas para termos o padrão de cidade como conhecemos hoje. Trata-se de um mundo em constante mutação e com consequências para as vidas, sentimentos, emoções e sonhos.

A família patriarcal, burguesa e contemporânea foi, a meu ver, a grande impulsionadora das transformações, que não se fazem sem custos e sem ônus. Essa família, ou qualquer outro formato que tenha esse primeiro grupamento social, é a formadora do ser humano; mais do que formadora, ela é a “criadora” do ser humano. Um ser humano não nasce, ele é criado na sua relação com seu próximo. É da família que advêm as impressões e o repertório com que esse ser vai lidar durante sua breve ou longa vida, inclusive e especialmente com seu amor a ela. Tudo dependerá da dose de pulsão de vida e da dose de pulsão de morte presentes na sua constituição. A lei e o limite são adquiridos aí.

A primeira lei, me dou conta neste

momento de audácia de natureza teórica, deve ser, socraticamente, “Você é mortal”, concomitantemente a esta a aceitação de que “Há um pai”. Um pai que proíbe o incesto, regula a prole e a remete para a exogamia. O pai é uma construção simbólica necessária para a construção civilizatória, sem a qual voltaríamos à barbárie ou ao mundo natural dos animais, onde o filho transa com a mãe, como os cachorros. A lei paterna é o que vai demarcar a ruptura deste recém-nascido com a natureza. Poderíamos dizer que a mãe dá a vida e o pai dá a cultura e, assim, a humanização.

A cultura e a civilização só sobrevivem com o reconhecimento e a permanência da função paterna reinando na vida intra-psíquica e coletiva, formando a pólis (cidade). A cidade do século XXI, com sua concentração urbana excessiva, com seu injusto e inadequado sistema de distribuição de espaço e de utilização dos recursos, com sua sempre insuficiente infraestrutura, reproduz o modelo político-sócio-econômico hegemônico, isto é, aquele em que poucos privilegiados habitam os territórios de mais valor social e a maioria desfavorecida se concentra desordenadamente na pe-

Mais objeto do que homem, este condutor é conduzido pelo apelo da sociedade moderna de estar sempre com pressa e consumir apressadamente, sem pensar e refletir”

riferia da cidade, muitas vezes formando um muro de miséria escondida através das mais variadas estratégias de negação da violência social implícita.

O trânsito e a cidade

O trânsito passa a ser um dos sintomas mais nítidos das mudanças sociais ocorridas nas comunidades urbanas. A análise dos fenômenos do trânsito perpassa aspectos individuais e coletivos envolvidos na formação do cidadão condutor do veículo e deve levar em conta as muitas variáveis envolvidas. O veículo é ele mesmo um símbolo social importante e representante do próprio condutor na relação com os outros cidadãos e com o mundo.

Cada vez mais caótica tem se tornado a vida em sociedade nas cidades brasileiras, graças ao abandono do poder público. Emblemático de nosso tempo, a imagem do “poder público”, uma das imagens do “Pai”, está decadaída, enfraquecida, desrespeitada, e, por isso, não cumpre sua função: regular a vida da prole, da sociedade, da cidade. O pai, ridicularizado, é esquecido como um pobre Édipo na ➤

o veículo é um símbolo social representante do próprio condutor na relação com os outros cidadãos

HÉLIO TORCHI/AE/ARQUIVO



No Brasil são 19 mortes no trânsito por 100 mil habitantes por ano, bem mais do que nos países europeus, que indicam 5 mortes por 100 mil habitantes

> periferia de Colona, cego. Guiado apenas por suas forças pulsionais desreguladas, o cidadão/condutor, pouco para e, menos ainda, pensa.

Destituído dos mecanismos e recursos simbólicos que são introduzidos pela força real da lei e pela força simbólica do mito, nosso condutor é apenas a imagem da força e do poder, menos a de pensar e mais fazer. Mais objeto do que homem, este condutor é conduzido pelo apelo da sociedade moderna de estar sempre com pressa e consumir apressadamente, sem pensar e refletir. As consequências serão uma relação consigo mesmo mais destrutiva, uma vez que, objeto do desejo do outro capitalista/consumista, este sujeito-objeto termina por consumir a si mesmo, conduzindo-se à paz do cemitério.

Com a derrocada da função paterna todos queremos ser rei. Como num Cordel Encantado, poderíamos “tímoreamente” mandar em tudo e todos, realizar “todos” os nossos desejos a tempo e a hora. Não teríamos nada a temer... Nem a morte.

A cidade, a concentração urbana nos pedem isso. Não temos volta. Não desejo o bom selvagem que animou Lévy-Strauss, nem penso em volta a um

paraíso que, sei, nunca existiu. Mas temos o dever ético de pensar e criticar. Temos a obrigação social de apontar o nível de agressividade e violência que presenciamos no cotidiano e de encontrar meios e formas de contrapor o avanço e a predominância da pulsão de morte em nosso meio. Isso passa necessariamente pelo processo educativo na família e na escola. Não há outra saída.

O acidente traumático

Os jornais noticiam, as estatísticas comprovam: quantas vidas ceifadas a cada segundo no mundo todo! No Brasil são 19 mortes por cada 100 mil habitantes por ano, bem mais do que acontece nos países europeus, que indicam 5 mortes por 100 mil habitantes, sem contar as milhares de pessoas feridas e incapacitadas que estão na fase mais produtiva e bela da vida, que é dos 15 aos 45 anos.

Viver não é fácil, já diziam os poetas antes de Freud. O médico austríaco nos mostrou na sua vasta obra, sustentado na clínica e numa primorosa formação intelectual, desde seu “Projeto para uma psicologia científica” até o “Mais

além do princípio do prazer”, o quanto de traumático há no viver humano e mostrou também a imensa plasticidade e capacidade de recuperação que pode uma pessoa. Essa análise tão complexa só pode ser feita um-a-um, apesar de nossa tendência de generalização à abordagem de uma pessoa. Essa análise, para ser de fato aprofundada e particularizada, não pode ser feita com ideias e conceitos preconcebidos ou regras pré-estabelecidas. O trabalho mais ético no que se refere ao ser humano é considerá-lo em sua singularidade. Por isso os acidentes de trânsito, ou quaisquer outros, e suas consequências são vividos por cada um segundo sua própria historicidade.

Ao lado de outros fenômenos pós-modernos, a doença da alma, expressa em depressão, bulimia, anorexia, toxicomania, alcoolismo, síndrome do pânico e tantas outras, adquiriu o status de uma clínica diferenciada, um quadro com nosologia e nosografia específicas, embora os processos primários envolvidos sejam os da estrutura psíquica constituída pelo sujeito na sua infância-adolescência.

A boa escuta não apenas dos aspectos manifestos da fala e do comportamento é que vão indicar por qual

ou quais caminhos andar a cura desta pessoa, sujeita, como os outros humanos, à fragilidade de sua vida e de seu existir.

Não se convive, presencia, possibilita, promove, colabora, fantasia um acidente, sem que isto tenha consequências, sem que isto tenha repercussões sobre o psiquismo da pessoa, fazendo com que sintomas e patologias, até então adormecidas, despertem com a força de uma cachoeira a provocar uma alteração no cotidiano da pessoa com reflexo nas relações familiares, sociais e de trabalho. Os economistas correm para fazer o cálculo econômico de tal situação, que causa imenso prejuízo para a sociedade. As dores são imensas e não há cálculo que possa ser feito por outro que não o próprio sujeito.

Os relatos dessas experiências têm nos mostrado que muitas pessoas podem fazer, na verdade, de um limão uma limonada: tirar do trauma, da perda e da dor uma experiência humanizadora. Como disse a atriz Cissa Guimarães sobre a experiência de perder um filho por morte violenta no trânsito do Rio de Janeiro. Ela declarou: “Me tornei uma pessoa melhor”.